

## **Ver e ser visto: um estudo sobre a documentação visual do cotidiano nas redes sociais**

**Mesa:** “Diferentes investigações de um núcleo universitário de pesquisa em psicanálise”

**Coordenador:** Julio Verztman

**Autora:** Ana Carolina Cubría.

### **Introdução**

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de Mestrado em andamento, a qual surge a partir dos encontros do grupo de pesquisa do qual faço parte - NEPECC/UFRJ (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade), grupo que visa desenvolver projetos de pesquisa que conjuguem teoria e prática clínica. O tema em questão parte do meu interesse acerca de um fenômeno extremamente contemporâneo: as redes sociais e a exibição da intimidade. Para tanto, pretende-se, neste trabalho, abordar um aspecto da interseção entre a psicanálise e a cultura atual. Nosso intuito é o de pensar as articulações entre o que aqui será chamado de documentação visual do cotidiano, ou seja, postagens as mais diversas nas plataformas virtuais (fotos, vídeos, relatos, entre outros) e as subjetividades contemporâneas.

Não se pode deixar de considerar o fato de que, nas últimas décadas, com a globalização e a criação de novas tecnologias de informação, a relação do sujeito com o tempo e o espaço muda significativamente, trazendo como consequência transformações sensíveis nas formas de sofrimento psíquico do sujeito contemporâneo (PINHEIRO, 2012). Se nos primórdios da modernidade, a interioridade e a reflexão sobre si eram condições para a constituição da subjetividade, hoje, em contrapartida, pode-se observar formas de subjetividade nas quais vigora a paradoxal conjugação entre o autocentramento e o valor da exterioridade (BIRMAN, 1998).

Na contemporaneidade, a relação com o olhar do outro não parece ser mediada por um olhar que o sujeito possa ter de si mesmo (PINHEIRO, 2012). É como se tomassem a si mesmos como sendo aquilo que os outros vêem, como se o olhar externo fosse o que os construísse a todo instante, precisando constantemente de provas sobre sua existência. Isso demonstra, à princípio, uma forma distinta de constituição subjetiva quando comparada àquela da histeria, a

qual também valorizava o olhar e a fala do outro sobre si, contando, no entanto, com um referencial interno capaz de contrapor essa mesma fala.

Diante desse cenário, as redes sociais seriam uma das possíveis ferramentas criadas para atender à demanda de visibilidade pungente nos dias atuais. Cabe-nos refletir sobre os destinos do olhar na contemporaneidade e sobre seus efeitos na constituição subjetiva. Para tal, partiremos do pressuposto de que existem diferenças significativas na relação do sujeito com o olhar atualmente, em comparação com o sujeito moderno, sobre o qual Freud se debruçou e a partir do qual elaborou os conceitos-chaves da teoria psicanalítica.

Muitos parecem concordar que detalhes cotidianos antes relegados às esferas da intimidade e da privacidade nunca foram tão amplamente visíveis e intencionalmente publicizados (BRUNO, 2013). Diante dessa subjetividade exteriorizada, as práticas de visibilidade contemporânea fazem com que a intimidade se configure como “matéria assistida e produzida na presença explícita do olhar do outro” (BRUNO, 2013, p. 68). Tisseron (2001) faz uso do termo “extimidade”, proposto por Lacan, para designar o campo no qual o desejo do indivíduo expressa e expõe o seu mundo interior ao outro.

## **1. Subjetividade moderna e interioridade**

Para que se possa posteriormente falar de uma subjetividade exteriorizada é preciso que antes seja feito um breve recuo histórico, com o intuito de contextualizar a emergência das ideias acerca da interioridade. Primeiramente, é importante ressaltar que a noção de interioridade foi inventada. Trata-se de um tipo de atributo subjetivo particular, construído historicamente, que foi imposto em um determinado período da cultura ocidental (SIBILIA, 2016). Como aponta Ehrenberg (1998), a interioridade é uma ficção que foi fabricada para que fosse possível dizer o que se passa no interior de nós mesmos.

É a partir desse contexto, que se inicia com Agostinho - considerado o “pai da interioridade” -, passando por Descartes, marcando o momento em que a questão da subjetividade emerge de fato, que se produz uma incessante busca da verdade de si, demarcando uma concepção de sujeito diferente daquela anterior ao período moderno. Descartes anuncia a fórmula que inaugura o pensamento individualista, colocando a privacidade e a interioridade do sujeito como opostas ao espaço público e ao corpo como exterioridades (BIRMAN, 1998). Assim, o território do sujeito é definido pela noção de interioridade como condição da individualidade.

Esse primeiro esboço de uma formulação do interior do sujeito como lugar da verdade e do autêntico será fundamental para a cultura moderna. Importantes desenvolvimentos modernos se devem à essa dimensão de si. Dentre alguns deles, pode-se destacar o romantismo e a psicanálise, ambos compondo uma rica produção literária, artística e filosófica que ainda se faz presente nos dias atuais (SIBILIA, 2016).

Além disso, o homem moderno é atravessado pela demarcação entre as esferas pública e privada, a qual se inicia no século XVIII. Nesse momento, concomitantemente ao surgimento de uma valorização do espaço íntimo nas moradias, os ambientes privados se tornam uma necessidade, acreditando-se que é no movimento de estar a sós consigo mesmo que a individualidade poderia ser expandida (SIBILIA, 2016).

Partindo do ponto de que a psicanálise emerge sob esse solo, isto é, no período relativo à modernidade, pode-se considerar que os discursos forjados por Freud na tentativa de enunciar a questão da subjetividade eram relativos à condição do sujeito naquele momento (BIRMAN, 1998). Nesse sentido, nos conceitos como o Complexo de Édipo e o seu herdeiro, o Superego, há uma transformação do que é externo em interno: logo, ao invés de se exteriorizar, a agressão será “interiorizada” no Superego, fazendo-a retornar contra o ego, gerando o sentimento de culpa (ENRIQUEZ, 1990), próprio do conflito do homem moderno. É, portanto, a partir dessa interiorização - que marca a cultura do século XIX - que se poderia atingir um ideal de autonomia sobre nossas ações.

## **2. A sociedade contemporânea, seus ideais e a questão do olhar**

Ainda que sejamos fortemente influenciados e marcados pela ideia de interioridade, observa-se atualmente um enfraquecimento entre as fronteiras relativas aos espaços público e privado, bem como aos limites entre a interioridade e exterioridade. Além disso, se no final do século XIX e início do século XX o mundo era governado por referências externas relativamente estáveis, hoje parecemos vivenciar o “fim das certezas” (HERZOG, 2004, p. 52), no sentido de que os ideais ou ideias consistentes que permitiriam uma ancoragem do sujeito estariam enfraquecidas.

Vivemos em um tempo em que a cada dia são estabelecidos novos parâmetros, exigindo uma reordenação constante do sujeito (HERZOG, 2004). Se na modernidade os laços sociais eram estabelecidos de acordo com uma moral hegemônica clara, na qual o sujeito se encontrava

condicionado pela identificação a um determinado ideal, na contemporaneidade parecemos estar diante de uma transformação da autoridade simbólica.

E a que isso se deve? Ora, uma gama de transformações ocorridas na passagem da modernidade para a pós-modernidade implicam em novas formas de constituição subjetiva que não mais parecem estar pautadas no dilema do sujeito moderno - caracterizado pelo conflito entre proibição e desejo e centrado na culpa. Dentre estas, pode-se destacar a produção da pílula anticoncepcional, a qual desvincula a atividade sexual da reprodução, liberando, portanto, a sexualidade; os antidepressivos modernos, denunciando a ideologia por trás das novas tecnologias de gerenciamento do sofrimento; inventou-se a televisão, os celulares e a internet, tornando possível a globalização.

Assim, de acordo com as palavras de Pinheiro & Herzog (2003) “em curto espaço de tempo, num ritmo alucinante, produz-se verdades que se tornam mentiras, certezas que não se sustentam. Não se tem tempo sequer para acreditar” (p. 3). Nessa perspectiva, ao não encontrar conforto em práticas sociais partilhadas, atravessadas por uma noção de bem comum, o sujeito irá buscar no outro, seu semelhante, a resposta daquilo que ele é.

Isto posto, Ehrenberg (1998) ressalta que o lugar ocupado pela autoridade nos modos de regulação da relação do sujeito com a sociedade foi reduzido. Assim, a histeria, que apresenta seu conflito a partir da culpa por infligir ou fantasiar infligir as normas disciplinares, dá lugar aos sofrimentos que apontam para um sentimento de insuficiência. O que importa hoje é tornar-se si mesmo, ou seja, ser autêntico e singular. O resultado disso parece ser a insegurança identitária ao invés da esperada onipotência.

### **3. Entre *selfies* e curtidas: redes sociais e visibilidade**

As redes sociais têm sido responsáveis por criar fluxos e potencialidades inéditas para os sujeitos se relacionarem, interagirem e se conectarem em tempo real, ultrapassando as barreiras geográficas e temporais. Segundo Belloni (2013, p. 78 apud. STENGEL & MINEIRO, 2017), haveria uma adesão da quase totalidade dos jovens à nova forma de interação com os pares. De acordo com a autora, as redes sociais seriam, hoje, a mais poderosa ferramenta de formação de pares on-line. Assim, estas se configurariam como novos ambientes culturais que, ao oferecem aos sujeitos novas perspectivas para a exploração das identidades, permitem que estes possam experimentar outras formas de ser e estar no mundo.

Com a invenção dos aparelhos portáteis e, principalmente, dos *smartphones*, desenvolvem-se, cada vez mais, tecnologias sofisticadas para a função de tirar fotos não apenas de si, mas também do ambiente que nos cerca. Inteligentes, como o próprio nome define, os *smartphones* conjugam a triunfante junção entre visibilidade e conexão. Tais aparelhos conseguiram atender às demandas e ambições peculiares que articulam as subjetividades contemporâneas (SIBILIA, 2016). Da mesma forma, ao serem portáteis, possibilitam o acesso às redes sociais em qualquer hora e lugar, bastando ter uma porcentagem razoável de bateria e o acesso à internet, o que implica diretamente no aumento do uso e da interatividade dos sujeitos com essas redes.

Em 2013, o vocábulo *selfie* virou “a palavra do ano”, de acordo com o Dicionário Oxford. A respeito desse fenômeno, Dunker (2016) sugere que a hiperinflação deste fenômeno não seria um indício de uma supervalorização de si, mas, ao contrário, aponta para o fato de que se está buscando não só extrair e produzir uma experiência, mas acrescentar a ela algo que sentimos que ela não possui. Assim, já não bastaria apenas existir, seria preciso confirmar a existência através das curtidas, do olhar do outro. Os *selfies*, nesse sentido, não seriam feitos somente para nós mesmos, mas para alimentar o olhar do outro. É como se, ao postar uma foto em uma viagem ou ao postar nos stories ou no Snapchat (vídeos ou fotos que ficam disponíveis por 24 horas ou menos nos perfis de cada um) cada atividade cotidiana, o olhar do outro garantisse que a experiência foi realmente vivida.

Produz-se, assim, uma nova relação consigo - os *selfies* - como uma filtragem que esse olhar, ou melhor dizendo, que esse “espelho-móvel” se interpõe em relação à própria experiência. Por isso, podemos constatar que se tornou comum ir a um determinado show e observar muitos indivíduos com seus celulares não só capturando aquele momento, mas igualmente vendo o próprio show a partir de uma tela reduzida. Ainda segundo o autor, isso seria, no fundo, a redução de um mundo que passa a ser enxergado a partir desses dispositivos, introduzindo uma espécie de gozo adicional à experiência. Sendo assim, somada à experiência desse olhar, existiria um desejo de possuí-la, de agregá-la à uma espécie de banco de memórias para que ela não seja perdida.

Em contrapartida, se muitas vezes os sujeitos que expõem sua intimidade por via desses dispositivos são chamados de exibicionistas, Tisseron (2007) aponta para o uso inadequado da palavra neste caso. O exibicionismo consistiria em mostrar sempre a mesma coisa de si, a partir de um “ritual congelado” (*rituel figé*). Os exibicionistas mostrariam apenas partes de si cujo

valor já está assegurado, não se arriscando e, portanto, mostrando apenas o que consideram que possa de alguma forma subjugar seus interlocutores (TISSERON, 2011a).

Em relação aos primeiros, no entanto, trata-se, antes, de se envolver em experiências excepcionais que permitiriam a exteriorização de certos elementos de suas vidas, objetivando se apropriar destes, interiorizando-os de outra maneira devido ao intercâmbio que eles suscitam com os seus próximos. O desejo de extimidade é, dessa forma, inseparável do risco: o valor do que se mostra nunca é conhecido. É propriamente a partir do retorno que recebem dos outros que eles são convocados a tomar esses elementos para si.

Ainda segundo autor, o termo “extimidade” - no sentido específico que o autor atribui à ele (o qual já fora explicitado aqui) - não se opõe à noção de intimidade. O desejo de se mostrar ao outro é primordial e anterior ao estabelecimento do que irá se configurar posteriormente como a intimidade. Desde os primeiros meses de vida, tal desejo contribuiria para um sentimento de existência, amplamente explorado a partir do que Lacan irá designar como “estádio do espelho”. Trata-se de um momento em que, *grosso modo*, a criança se reconheceria diante do olhar materno. Portanto, a autoapresentação seria uma forma de capturar - a partir do olhar do outro e através de suas reações - uma confirmação de si.

Já o desejo de possuir uma intimidade, tanto física quanto psíquica, surge mais tarde a partir da possibilidade da criança compreender que cada um vivencia as experiências de forma diferente e que estas organizam a sua visão singular do mundo. Entretanto, ambos os termos - extimidade e intimidade - só podem ser compreendidos se articulados a um terceiro elemento: a autoestima (TISSERON, 2011b). A autoestima, para Freud (1914/1996), expressaria o tamanho do Eu, isto é, “tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado” (p. 104) ajudaria em um aumento da autoestima. Esta última é, nessa perspectiva, dependente da libido narcísica, de forma que a libido direcionada aos objetos implicaria, de modo inverso, na sua diminuição. Para Tisseron (2011a), a construção completa da autoestima depende da conjugação e da coexistência dos desejos de extimidade e intimidade. É por sabermos que podemos nos esconder que desejamos revelar certas partes privilegiadas de nós mesmos.

### **3. Conclusão**

É importante ressaltar que quando tomamos como referência o modelo de subjetividade moderna, que associa a aparência à mentira e à manipulação, nos afastamos da possibilidade de uma melhor compreensão do que se é experimentado nas práticas de visibilidade em questão. Seria justamente na proximidade do olhar do outro, na potencialidade de ser visto, e não em relação ao recolhimento interior, que o eu se realizaria e se efetivaria. Isso demonstra, pois, uma noção de autenticidade que se constitui no ato mesmo de se fazer visível ao outro (BRUNO, 2013). Logo, não se trata de considerar que a aparência e o artifício são menos verdadeiros do que fica oculto por trás dessa imagem: “a sua face visível não é apenas o reino do outro, onde sempre é possível mascarar ou mentir, mas também e conjuntamente o reino do próprio eu” (BRUNO, 2013, p. 70).

No entanto, podemos nos questionar que problemas esse modelo da documentação visual do cotidiano coloca para a dimensão da fantasia. Como assinala Costa (2012), ao se esvaziar a moralidade dos sentimentos para, então, favorecer a moralidade do corpo, prioriza-se a clareza da vontade e da aparência em detrimento da obscuridade do desejo e da profundidade emocional. Ainda segundo o autor, esse movimento privaria os sujeitos de um forte mecanismo estabilizador do sentimento de identidade: “a capacidade dissimular sua intimidade do olhar do outro” (COSTA, 2012, p. 8).

Diante disso, a possibilidade de ocultar, de esconder o universo das emoções, os desejos interiores e as aspirações estaria relacionada ao sentimento de segurança contra possíveis intrusões da realidade externa, no âmbito do que é “sensível e delicado em nós” (COSTA, 2012, p. 8). Por fim, a pergunta que se coloca diante do imperativo de ver e ser visto é: posso conhecer o outro e ser reconhecido pura e simplesmente através da imagem?

